

**PAISAGEM LINGUÍSTICA EM UM CONTEXTO SUÁBIO-  
BRASILEIRO: MOBILIDADE E REPRESENTAÇÃO DE UMA  
COMUNIDADE “GERMÂNICA”**

**LINGUISTIC LANDSCAPE IN A SWABIAN-BRAZILIAN  
CONTEXT: MOBILITY AND REPRESENTATION OF A  
“GERMAN” COMMUNITY**

*Adriana Dalla Vecchia*<sup>1</sup>

*Neiva Maria Jung*<sup>2</sup>

RESUMO: Este artigo visa descrever a paisagem linguística de um contexto plurilíngue *Schwowisch/Hochdeutsch/Português* no interior do Paraná, procurando compreender os significados sociais desses usos da linguagem na comunidade. Discutimos conceitos como superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA-LOPES, 2013) e paisagem linguística (BLOMMAERT, 2013; SHOHAMY, 2012) para analisar dados da comunidade, como *outdoors*, placas indicativas e monumentais. Esses dados mostram materializações linguísticas do *Hochdeutsch* ao lado do português em textos presentes na paisagem linguística local, contribuindo para a construção de uma identidade de suábios brasileiros com origem germânica. Legitimar as versões padronizadas dessas línguas aponta para objetivos econômicos e de mobilidade desse grupo que busca manter laços econômicos e de irmandade com a Alemanha.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem linguística. Superdiversidade. Mobilidade. Representação identitária.

ABSTRACT: This paper aims to describe the linguistic landscape of a plurilingual context *Schwowisch/Hochdeutsch/Portuguese* in the country side of

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. [adrianarevisao@gmail.com](mailto:adrianarevisao@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. [neiva.jung@gmail.com](mailto:neiva.jung@gmail.com)

Paraná state, seeking to understand the social meanings of these language uses in the community. We argue concepts such as super diversity (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA-LOPES, 2013) and linguistic landscape (BLOMMAERT, 2013; SHOHAMY, 2012) in order to analyze regional data such as billboards, that are indicative and monumental boards put close to the roads. Legitimizing the standard versions of those languages demonstrates the economic goals and mobility of that Swabian-Brazilian group to keep up economic and fraternity laces with Germany.

KEYWORDS: Linguistic Landscape. Superdiversity. Mobility. Identity representation.

## **PAISAGEM LINGUÍSTICA EM UM CONTEXTO SUÁBIO-BRASILEIRO: MOBILIDADE E REPRESENTAÇÃO DE UMA COMUNIDADE “GERMÂNICA”**

### **INTRODUÇÃO**

Na década de 1950, chegou ao Paraná um grupo de suábios do Danúbio, de origem germânica, formado por 500 famílias, totalizando cerca de 2.500 pessoas. Essa denominação, *suábios do Danúbio*, foi cunhada em 1922 para designar grupos populacionais de etnia alemã, do antigo Império Austro-Húngaro, que abrigava povos oriundos de diferentes províncias do Reino Alemão e não apenas da Suábia (ELFES, 1971). Esse grupo imigrou, assim, de países, como Hungria, Romênia e Iugoslávia, e veio para o Brasil em busca de melhores condições de vida, pois, na Europa, perderam seu território devido a II Grande Guerra.

Essas famílias se instalaram nos arredores de um município de médio porte do interior do Paraná, na região central do estado, a aproximadamente 300 quilômetros da capital, Curitiba. A área que ocuparam foi dividida na época em cinco vilas, localizadas a menos de dez quilômetros umas das outras. Essas vilas, reconhecidas localmente como colônias, possuem denominações específicas, atribuídas pelos antigos moradores da região e mantidas pelos suábios (ELFES, 1971): Vitória - *locus* desta pesquisa - (atualmente centro administrativo; sede da cooperativa do grupo, da escola particular e de uma escola estadual; centro social e médico); Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia (vilas residenciais). Cada uma delas, conforme detalha Stein (2011), nos primeiros anos da colonização, contava com uma escola, uma igreja, um armazém, um bar, uma ferraria, um cemitério e um campo de futebol. Hoje grande parte dessa

infraestrutura está concentrada na colônia Vitória. A região é reconhecida como distrito do referido município.

Durante o período de construção, os colonos tiveram o apoio do governo do Paraná e do governo da Suíça. De acordo com Elfes (1971), a ajuda foi indispensável, tendo em vista que não havia inicialmente forma de sustento para os pioneiros e para as construções necessárias. Em 6 de maio de 1951, fundaram uma cooperativa, “[a] fim de que houvesse também uma representação dos interesses danúbios-suábios para negociações oficiais, bancárias e com os comitês de auxílio” (ELFES, 1971, p.46). Além de suprir essa necessidade urgente, a organização, desde sua fundação, passou a trabalhar em prol de outros dois objetivos bastante importantes para a comunidade: a produção agroindustrial (à época: trigo, soja, milho; atualmente, somam-se cevada e aveia) e a preservação da cultura dos suábios do Danúbio.

Esses dois objetivos da cooperativa são um incentivo para o plurilinguismo local, pois, ao dar conta do primeiro, além de empregar membros da comunidade, a cooperativa emprega também muitas pessoas que vieram e vêm de fora dessa comunidade, formando-se por exemplo um bairro “de brasileiros”<sup>3</sup> nos arredores da colônia Vitória. Cumpre esclarecer que essa parcela de moradores “brasileiros” da colônia são operários da cooperativa. Os “brasileiros” que ocupam cargos de maior visibilidade na cooperativa costumam morar no município e se deslocar diariamente para a colônia. Em relação ao segundo objetivo, a cooperativa financiou a construção de um museu e impulsionou a criação de um colégio particular, que se ocupa, entre outras tarefas, com o ensino de português e de *Hochdeutsch*, como se denomina a variedade do alemão considerada padrão. Tendo em vista que a organização da cooperativa mantém contatos profissionais com a Alemanha, esta sugere que seus colaboradores de linha de frente saibam o *Hochdeutsch*, acreditando ser esta língua a que possibilita contatos e negócios com aquele país. Assim, estão presentes na comunidade o *Hochdeutsch* e o português falado e escrito, mas também o *Schwowisch*, uma variedade local do alemão muito usada nas interações diárias. Os falantes reconhecem, entretanto, o *Schwowisch* como um “dialetto” e o *Hochdeutsch* como a língua usada e ensinada na escola juntamente com o português. Essa diversidade faz parte do repertório linguístico das pessoas e constitui a realidade plurilíngue local.

Considerando esse cenário, temos como objetivo, neste artigo, analisar a paisagem linguística local, compreendendo-a como representação de um espaço e tempo historicamente configurados. Justificamos a escolha desse recorte com o posicionamento de Shohamy (2006) para quem a “linguagem no espaço público” compõe uma política linguística que serve como mecanismo para afetar, manipular e impor práticas de linguagem. Assumimos que a presença das línguas locais, e translocais, em placas e *outdoors* aponta para políticas linguísticas locais e para representações sociais, culturais e ideológicas daquele grupo naquele espaço e tempo.

Para tanto, o texto apresenta uma primeira parte teórica, em que discutimos os conceitos de superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA-LOPES, 2013) e paisagem linguística (BLOMMAERT, 2013; SHOHAMY, 2006; GORTER; CENOŽ, 2008) e, na sequência, uma seção de análise de

---

<sup>3</sup> A expressão entre aspas é para indicar a forma como o bairro é denominado pelos moradores locais.

dados da paisagem linguística local<sup>4</sup>. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

## 1 SUPERDIVERSIDADE E PAISAGEM LINGUÍSTICA

A nova configuração social tem sido fortemente impactada pelos processos de globalização. Os fluxos migratórios e fronteiras nacionais mais fluidas alteraram a face da diversidade social, cultural e linguística das sociedades em todo o mundo (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Trata-se de um fenômeno pós-colonial que tem sido denominado superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA LOPES, 2013). Segundo Moita Lopes (2013, p.30-31), o fenômeno afeta tanto “várias nações do mundo nas quais as fronteiras passaram a ser porosas”, quanto à vida local e aos cruzamentos de fronteiras cibernéticas, ou seja, “pessoas, textos e línguas estão cada vez mais em movimento por entre as chamadas fronteiras nacionais e aquelas nas redes de comunicação cibernética”.

A partir dessa constatação, pode-se afirmar que os movimentos migratórios e a alteração na diversidade social, cultural e linguística não afetam apenas grandes centros, mas também a vida local de contextos não cosmopolitas, exigindo dos falantes usos muito mais dinâmicos do seu repertório linguístico, como ocorre na colônia cenário deste estudo em que os moradores, além de fazerem uso do português e da variedade local do alemão, aprendem o *Hochdeutsch* tendo em vista trabalho na cooperativa local, viagens para a Alemanha e participação em atividades culturais locais e translocais.

Para Jaffe (2012), um dos resultados da mobilidade de pessoas, bens, serviços, capitais e comunicação entre as fronteiras nacionais é uma ênfase naquilo que é móvel, ou seja, o repertório linguístico plurilíngue para atividades e intercâmbios translocais. Ela define repertório linguístico como um composto de diferentes línguas (aquelas aprendidas desde a infância ou mais tarde como resultado da educação formal ou do autodidatismo) que o falante usa e a partir do qual ele/ela adquire competências (conversação, leitura, audição, entre outros) em diferentes níveis.

Essa noção de repertório atende às necessidades de interação em ambientes superdiversos, mas, como alerta Jacquemet (2015), a superdiversidade ainda é um conceito bastante eurocêntrico, uma vez que surgiu para descrever uma situação comum na Europa, mais especificamente em Londres, Inglaterra. Então é preciso compreender social e antropológicamente cada contexto, porque podem ser globalizados em alguma medida, mas a globalização é significada localmente, as pessoas interagem e semiotizam as línguas, bem como os espaços e tempos a partir do seu repertório linguístico. Estamos falando de lugares em que as fronteiras ainda não são tão porosas, em que há comunidades de práticas e falantes com repertórios linguísticos orientados para formas locais de significação do translocal.

Muitas vezes, essas realidades passam pela lógica mercadológica, por meio da qual se pode entender a hierarquia linguística que se impõe localmente (JAFJE, 2012), ou seja, as línguas competem em termos de espaços locais, mas os valores indexicalizados a elas podem vir de outra escala, trazendo para o local indexicalidades

---

<sup>4</sup> Este texto faz referência a dados de uma pesquisa de doutoramento que tem como objetivo geral investigar o conceito de proficiência que constitui as práticas de letramento nas aulas de língua alemã em uma escola situada nessa comunidade.

provenientes da escala global. É o caso, por exemplo, do valor que línguas padronizadas, como o inglês, o alemão, o francês, o português dentre tantas outras, têm em relação a línguas não padronizadas. Isso aparece também na forma como o inglês aparece nas paisagens linguísticas das cidades, associando-o com modernidade, mobilidade e um discurso cosmopolita com fins econômicos. Nesse caso, a crença na realização das formas padronizadas, no dia-a-dia, afeta o modo como os falantes pensam e vivem sua própria língua e/ou variedades linguísticas que utilizam (MILROY, 2011).

Nessa direção, Blommaert (2013) afirma que o espaço não é neutro e, por isso, “precisamos fornecer uma visão bem delineada sobre como o espaço é semiotizado e como ele semiotiza o que se passa dentro de sua órbita” (p. 30), se a nossa intenção é fornecer uma base mais forte para a paisagem linguística. Portanto, parece interessante observarmos como o espaço histórico é semiotizado a partir dos efeitos do mundo globalizado e da superdiversidade que acompanha a paisagem linguística.

No nosso caso, a paisagem linguística aponta para a presença de “pedaços de línguas” (BLOMMAERT, 2010) escritas visíveis publicamente em *outdoors*, sinais de trânsito e de segurança, nomes de loja, grafites e os outros tipos de inscrições no espaço público. Segundo Gorter e Cenoz (2008), a paisagem linguística pode ser reconhecida em termos de textos privados e textos oficiais (GORTER; CENOZ, 2008). Os primeiros, geralmente, remetem a informações comerciais e podem estar dispostos em diferentes tipos de estabelecimento, como lojas, restaurantes, bancos, escritórios, clínicas, etc., enquanto os textos oficiais, podem ser encontrados em locais públicos como uma iniciativa de instituições públicas e podem remeter a uma política linguística oficial. Podem ser, por exemplo, nomes de edifícios públicos, de ruas, placas de localização ou placas turísticas, etc.

Para além de uma classificação, a paisagem linguística de um lugar tem muito a dizer, desde que analisada de forma histórica e contextualizada. Por meio dela, é possível reconhecer limites linguísticos de determinados territórios por meio da regulação do uso da linguagem em espaços públicos. Para Gorter e Cenoz (2008), rótulos e textos escritos nas vias públicas distinguem-se a partir de suas funções, podendo ter uma função informativa, que demarca fronteiras territoriais de um grupo linguístico em relação a outros, e uma função simbólica, demarcando o valor e o *status* das línguas na comunidade. Dessa forma, percebe-se que a paisagem linguística pode fazer parte de uma política linguística explícita do Estado, o que não impossibilita que os agentes sociais interajam com ela, transformando ou ressignificando-a.

Desse modo, ao se investigar contextos sociolinguisticamente complexos (CAVALCANTI, 2015), em que há superdiversidade, podemos considerar diversos fenômenos, como representações sociais identitárias, compreendendo que “identidade é um construto de natureza social – portanto, político –, isto é, compreendida como construída em práticas discursivas” (MOITA LOPES, 2003, p.20), no caso aqui práticas discursivas da paisagem linguística.

Pensando nessas questões, analisamos na próxima seção, dados provenientes de um primeiro momento da pesquisa de campo: coleta de dados da paisagem linguística da região cenário da pesquisa, orientada pela proposta etnográfica de Blommaert (2013), na qual se registram fotograficamente hábitos de uma comunidade e/ou ocorrências linguísticas.



## 2 PAISAGEM LINGUÍSTICA LOCAL: POLÍTICA LINGUÍSTICA DA NORMATIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE SUÁBIO-BRASILEIRA

Na paisagem linguística local, observamos que as línguas *Hochdeutsch* e português culto são as duas línguas usadas, conforme vemos nos exemplos a seguir, apontando em primeiro lugar para uma normatização dessas línguas e, em segundo, para representações sociais identitárias relacionadas com mobilidade local e translocal. Há uma tentativa de representar o grupo por meio do uso do alemão padrão como comunidade de suábio-brasileiros, compreendendo suábios como povo de origem germânica, reforçando laços entre a comunidade (as colônias) e a Alemanha via materialidade linguística.

**Figura 1<sup>5</sup>** - *Outdoor* da entrada da colônia



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 2** - Placa indicativa



Fonte: Acervo pessoal

O primeiro texto é um cartaz de boas-vindas nas duas línguas, exposto na entrada da colônia Vitória, na qual está localizada fisicamente a cooperativa. Nele fica evidente a filiação suábio-germânica e brasileira da colônia, por meio do logotipo, símbolos e cores, reafirmada na inscrição do canto superior esquerdo do *outdoor* referente à *Fundação Cultural Suábio-Brasileira*, apontando para uma política local de integração suábio-brasileira, já que essa fundação tem como objetivo promover e

<sup>5</sup> As figuras de 1 a 4 foram recortadas ou borradas em seus trechos que poderiam identificar o *locus* de pesquisa de modo a seguir a Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

estimular a ação cultural, a língua, as tradições e as raízes suábias e brasileiras<sup>6</sup>.O segundo texto apresenta orientações em relação à localização, em que há uma indicação em português e, logo abaixo, em *Hochdeutsch*. Placas como esta estão distribuídas por todas as colônias.

Esses dados são, em um primeiro momento, conforme a classificação de Gorter e Cenoz (2008), textos privados, porque as placas indicativas e o *outdoor* são mantidos pela cooperativa que, desde o início da colonização tem um papel centralizador das atividades econômicas da colônia, em um esforço de apresentar o lugar como turístico e especialmente de evidenciar as relações econômicas desta com o Brasil e com setores econômicos alemães. Analisando, entretanto, que são encontrados em locais públicos e apresentam informações com valor de oficialidade - têm a função de dar as boas-vindas aos visitantes e de orientar, indicar localizações - e o papel da cooperativa local, reconhecemos tratar-se de textos oficiais.

As duas línguas presentes nesses dois textos entram no mercado linguístico para reforçar representações do povo suábio – “conheça nossa história”, o que é possível de ser realizado visitando um museu local que conta essa história de trabalho e luta – e do outro, o visitante. É interessante que a política linguística local reafirma o purismo e a normatização de duas línguas, o que é realizado ou chancelado pela Fundação Cultural Suábio-Brasileira, indicando, por um lado, uma política linguística brasileira e, por outro, processos classificatórios que ao mesmo tempo que mencionam a integração cultural suábio-brasileira apontam para uma hierarquização e apagamento das línguas e de seus falantes.

Isso aparece também em placas e nomes de lojas, associações, empresas, restaurantes, bancos, anúncios publicitários, como mostram as imagens a seguir:

**Figura 3 - Placas de estabelecimentos comerciais**



Fonte: Acervo pessoal

Esses dados apontam para o que Shohamy (2006) descreve como política linguística *bottom-up*, de baixo para cima, ou seja, uma política linguística local, dos moradores da comunidade que escolhem representar seu comércio por meio de escolhas linguísticas do alemão padrão e do português padrão, como em *Agrohaus* (Casa de

<sup>6</sup> Informação disponibilizada pelo site da instituição, que não é fornecido aqui para preservar a identidade da comunidade.



Agropecuária), *Donau Bier* (cerveja do Danúbio), *Wasch Kar Winkler* (Lava car Winkler) e *Donau comunicações* (Comunicações Danúbio). Trata-se de uma política que, ao mesmo tempo que deseja incluir todos os possíveis compradores locais, delimita e "vende" uma representação de línguas e culturas dominantes localmente. Esses são exemplos de textos claramente privados da paisagem linguística, nos quais encontramos o uso do *Hochdeutsch* mesclado ao português, usos feitos principalmente no centro econômico e comercial da Colônia Vitória. Nessas placas, há mescla das duas línguas oficiais, diferentemente do que foi observado nos dois primeiros textos, o que aponta para uma representação local de alemães que transitam entre o alemão e o português.

O não uso da variedade local de alemão e do português localmente falado nas sinalizações públicas é uma política linguística local e translocal, em busca de uma pseudouniversalidade, a fim de atingir um número maior de pessoas. A variedade local de alemão, ao ser exibida, talvez pudesse ser vista ou lida como algo exótico, não compreensível, associada a uma ideia de alemão-estereotipada-caipira. Esse preconceito apareceu em vários dados de entrevista, coletados em pesquisa realizada entre 2011 e 2013. Segundo um dos participantes, professor de alemão, “os alunos daqui falam um dialeto digamos rústico, cada vez mais rústico por estar mais longe da língua culta de modo que o vocabulário vai se perdendo” (Entrevista concedida em 2011).

Em termos translocais, o uso da língua alemã significa, mobilidade, no sentido de que o alemão padrão facilita-lhes emprego na cooperativa e cargos de direção na cooperativa e na colônia, além de conferir-lhes possibilidades de comunicação, estudos e viagens para a Alemanha. A questão dos estudos é bastante reforçada pelo colégio particular que, além de oferecer um ensino em alemão (*Hochdeutsch*) e português, embora o colégio não defina a si próprio como oficialmente bilíngue, organiza viagens internacionais para a Alemanha com os alunos que, na ótica da instituição, demonstram desempenho satisfatório na língua alemã padrão.

Além disso, essa orientação translocal é evidente em uma série de *flyers* disponibilizados em uma pousada local que oferecem viagens para a Alemanha. O *flyer* a seguir é um exemplo.

**Figura 4** - Capa de um folder que circulou na colônia em 2015



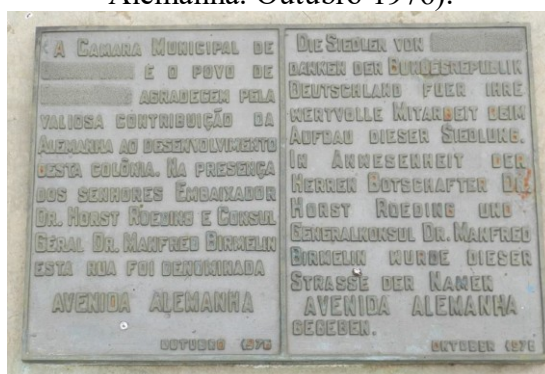
Fonte: Acervo Pessoal

A mobilidade está marcada já no início, por meio do convite "Rumo à Europa 2015", que deixa como pressuposto a ação de viajar "em direção à Europa" e, ao destacar 2015, que teve ou terá outras edições. Além disso, logo abaixo descreve que o destino não é crucial, no recorte feito anteriormente - Europa - "Não importa para onde vamos ou de onde voltamos", destacando, na sequência, a importância das experiências vividas e experienciadas "Viajamos em busca do que a vida pode nos revelar, num verdadeiro banquete de sabores, cores e sons." Logo abaixo, há imagens de paisagens dos quatro países incluídos no roteiro da viagem, conforme apresentados no canto inferior do panfleto: Alemanha, Itália, Áustria e República Tcheca (Praga), seguido do período da viagem "13 a 28 de agosto de 2015".

Esse texto aponta para a mobilidade do grupo, não apenas no sentido de viajar para a Alemanha, ou Europa, mas também pelas sinalizações que apontam para a superdiversidade pela sua caracterização multiescalar (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011), com a presença das línguas português padrão e alemão padrão. Há um reconhecimento e reafirmação de sua constituição cultural "híbrida", por meio da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, mas que linguística e oficialmente é representada pelo alemão e o português padronizados, relegando-se a variedade local de alemão à oralidade, apagando também a mistura com essa variedade. Ou seja, os dados evidenciam a superdiversidade, que passa pela normatização das línguas.

Como reforço dessa ideia, as figuras 5 e 6, placas monumentais, evidenciam os laços que unem econômica e identitariamente a colônia à Alemanha. Na Figura 5, mostra-se que, à época, houve um investimento por parte da Alemanha na colônia, o que motivou o povo a nomear a rua como Avenida Alemanha, em honra à ação. Na Figura 6, o mesmo laço é enaltecido, agora mais especificamente com o estado alemão de Baden-Württemberg, o qual, pelo seu apoio e investimento na colônia, foi tornado o patrono desta. Em ambas as placas, salienta-se a presença de pessoas de importância, que vieram direto da Alemanha para visitar a colônia.

**Figura 5** - Placa monumental de nome de rua (transcrição do texto: A Câmara Municipal de [...] e o povo de [...] agradecem pela valiosa contribuição da Alemanha ao desenvolvimento desta colônia. Na presença dos senhores Embaixador Dr. Horst Roeding e Consul Geral Dr. Manfred Birmelin esta rua foi denominada Avenida Alemanha. Outubro 1976).



Fonte: Acervo Pessoal

**Figura 6** - Placa indicativa de nome de rua (transcrição do texto: Para assinalar a visita do primeiro ministro Erwin Teufel, esta rua foi denominada Alameda Baden-Württemberg como expressão dos estreitos laços que unem [...] àquele Estado patrono dos suábios.)



Fonte: Acervo Pessoal

A identificação com a Alemanha aparece por meio da língua alemã e do reconhecimento de sua contribuição na constituição local. Além disso, o visitante, ao chegar na colônia, se surpreende com as semelhanças em termos de construções no estilo enxaimel e disposição dos terrenos, as quais constituem a paisagem local que somada à paisagem linguística apresentam uma representação de um lugar quase europeu. Para ilustrar a visão do visitante, trazemos o depoimento de Luciano Pires<sup>7</sup> sobre sua experiência na colônia. Segundo ele,

<sup>7</sup> Luciano Pires estudou na Universidade Mackenzie, FGV e na Universidade de Michigan, tendo como foco profissional o universo corporativo. Sua experiência é compartilhada em palestras ministradas em

ao deixar a estrada principal para entrar no ‘território’ da Cooperativa parecia que eu havia saído do Brasil. [...] São agrupamentos de casas com arquitetura europeia e um clima muito diferente do nosso. Pequenas comunidades com recursos modernos, casas bonitas sem cerca e com grandes gramados. Parecia que eu estava no interior da Europa. (postado em 19/04/2013)

Nesse sentido, ressalta-se um esforço deste grupo de se representar como alemães, o que explica até certo ponto as escolhas linguísticas nas placas em geral. Ao *Schwowisch* não é garantido espaço na paisagem linguística, uma vez que essa variedade se contrapõe à construção da identidade alemã pretendida e também por não haver escrita sistematizada nessa língua, sendo-lhe reservado o lugar da oralidade. Pelo texto do visitante, fica claro que os objetivos pretendidos pela comunidade são alcançados.

Nisso está relacionada a ideia de poder de uma língua, ou seja, uma questão de *status*, em que se valoriza uma língua em função do poder que ela mantém em escalas translocais. Escolhe-se uma língua, apresentando-a como melhor, “mais correta”, que significa mobilidade social e precisa ser aprendida no ensino formal, em oposição ao falar local, desprestigiando este em favor daquela língua. Isso não quer dizer que falar apenas português ou apenas *Hochdeutsch* queira significar que a cultura suábio-germânica esteja se perdendo, pelo contrário, há um português suábio, com traços da variedade local de alemão, e o *Schwowisch*, por meio das quais a vida é vivida diariamente, toda a forma de ver o mundo, pensar as relações e aquilo a que a população confere valor, passa muito por essas duas línguas, especialmente do *Schwowisch*, mesmo sendo línguas pouco legitimadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o cenário em questão neste artigo e os dados brevemente analisados, é possível dizer que a paisagem linguística mostra a superdiversidade, mas que discursivamente há uma tentativa de representar o grupo por meio do uso do alemão e do português padrão como comunidade de suábio-brasileiros, compreendendo suábios como povo de origem germânica, reforçando um laço entre a colônia e a Alemanha via materialidade linguística. Como vimos, a construção dessa representação se dá pelo uso do *Hochdeutsch* ao lado do português padrão nas placas indicativas, em outdoor e monumentais, enquanto em textos privados observamos mistura das duas línguas padrão.

Essas escolhas linguísticas da comunidade legitimam tanto o *Hochdeutsch* quanto o português e apagam o *Schwowisch*, variedade local de língua alemã que está presente nas práticas de oralidade na colônia, e o português falado localmente. Legitimar as línguas em suas versões padronizadas relaciona-se com os objetivos econômicos de mobilidade almejados pelo povo suábio, ou seja, mantendo os laços com a Alemanha presentes e em evidência é como se estivessem mantendo o vínculo, o contato e a relação de irmandade com o país europeu. Nesse sentido, o povo suábio, embora brasileiro, se identifica com a Alemanha e apaga uma outra diversidade que o

---

empresas que o convidam. Esse texto foi escrito e postado em uma rede social depois de ele estar na cooperativa na colônia cenário de nossa pesquisa.

constitui, o *Schwowisch*, que acaba sendo sinônimo de uma identidade alemã-estereotipada-caipira que não lhes traz benefícios translocais.

## REFERÊNCIAS

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ethnography, superdiversity, and linguistic landscapes**. *Chronicles of complexity*. Bristol: Multilingual matters, 2013.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**, v.13, n.2, 2011, p.1-21.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Línguas ilegítimas em uma visão ampliada de educação linguística. ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015.

DALLA VECCHIA, Adriana. **Políticas linguísticas na Colônia “alemã” de Entre Rios: o papel do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG. Ponta Grossa: [s/n], 2013.

ELFES, Albert. **Suábios no Paraná**. Curitiba, PR: [s. n], 1971.

GORTER, D.; CENOZ, J. Knowledge about language and linguistic landscape. In: CENOZ, J.; HORNBERGER, N. H. (eds). **Encyclopedia of Language and Education. 2nd Edition**. v.6: Knowledge about Language, 2008.

JACQUEMET, M. Unit 1: Language and Globalization. In: **Escola de Altos Estudos em Linguística Aplicada: mobilidade, multilinguismo e globalização**. UNICAMP/UNIRIO: ago. 2015.

JAFFE, A. Multilingual Citizenship and Minority Languages. In: Martin-Jones, M.; Blackledge, A. Creese, A. (eds.). **The Routledge Handbook of Multilingualism**. London: Routledge, 2012, p.83-99.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Orgs.) **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p.49-88.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Discursos de identidades**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p.18-52.

OLIVEIRA, Kelly Patrícia. **O comportamento linguístico da comunidade de Entre Rios: identidade, prestígio e estigma linguístico.** Monografia. Ponta Grossa: UEPG, 2013.

SHOHAMY, E. *Language Policy: hidden agendas and new approaches.* Routledge: Oxon, 2006.

SILVEIRA, Pedro Castelo Branco. Híbridos na paisagem: uma etnografia de espaços de produção e de conservação. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.12, n.1, p.83-98, jan./jun. 2009.

STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios - PR (segunda metade do século XX).** Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v.30, n.6, p.1024-1054, 2007.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 28 de março de 2016.